

# ENTRE AS HUMANIDADES DIGITAIS E A NOVA FILOLOGIA: AS *EPISTOLAE MEDICINALES* E OS *CONSILIA* DO HUMANISTA JORGE GODINES<sup>1</sup>

Between Digital Humanities and New  
Philology: the *epistolae medicinales* and  
the *consilia* of the humanist Jorge Godines

EMÍLIA M. ROCHA DE OLIVEIRA

CLLC-UA

[emilia.oliveira@ua.pt](mailto:emilia.oliveira@ua.pt)

ORCID: 0000-0002-8433-9129

ANTÓNIO MANUEL LOPES ANDRADE

CLLC-UA

[aandrade@ua.pt](mailto:aandrade@ua.pt)

ORCID: 0000-0002-7456-6504

**Resumo:** As Humanidades Digitais, assim como a abordagem textual proposta pela Nova Filologia, trouxeram consigo mudanças profundas no modo como hoje se faz investigação em Humanidades e vieram permitir a conceção de projetos ambiciosos, que requerem equipas pluridisciplinares e internacionais. Assim, após uma reflexão sobre a génese e o âmbito das Humanidades Digitais e da Nova Filologia, apresentaremos uma seleção de projetos de investigação, nacionais e internacionais, exemplificativos da aplicação prática destes campos aos Estudos Linguísticos e Literários e à História, evidenciando o seu contributo para a preservação, análise e compreensão mais profunda de *corpora* vários. Dar-se-á particular ênfase a projetos que demonstram a aplicabilidade inovadora e profícua das Humanidades Digitais e da Nova Filologia ao estudo de *corpora* epistolares (com especial incidência em cartas médicas e *consilia*), ao proporcionarem um conhecimento circunstanciado e abrangente do conteúdo dos textos que os integram, elucidando aspetos cruciais como a identidade dos correspondentes, a natureza dos laços que os uniam, ou o contexto sociopolítico e cultural em que se moviam.

<sup>1</sup> Este trabalho é financiado por fundos nacionais, através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito dos projetos UIDB/04188/2020 e DL57/2016/CP1482/CT0039 (<https://doi.org/10.54499/DL57/2016/CP1482/CT0039>).

Por último, à luz dos avanços realizados neste campo de estudo, apresentar-se-á a conceção de um novo projeto de investigação, centrado num conjunto inédito de *epistolae medicinales* e de *consilia* de Jorge Godines, um médico português do século XVI.

**Palavras-chave:** Humanidades Digitais; Nova Filologia; Jorge Godines; *epistolae medicinales*; *consilia*; Humanismo Renascentista Português.

**Abstract:** Digital Humanities, like the textual approach proposed by New Philology, have brought profound changes to how research in Humanities is conducted today and have enabled the conception of ambitious projects that require multidisciplinary and international teams. Thus, after reflecting on the genesis and scope of Digital Humanities and New Philology, we will present a selection of national and international research projects that exemplify the practical application of these fields to Linguistic and Literary Studies and History, highlighting their contribution to the preservation, analysis, and deeper understanding of various *corpora*. Particular emphasis will be given to projects that demonstrate the innovative and fruitful applicability of Digital Humanities and New Philology to the study of epistolary *corpora* (with special focus on medical letters and *consilia*), as they provide a detailed and comprehensive knowledge of the content of the texts that integrate them, elucidating crucial aspects such as the identity of the correspondents, the nature of the bonds that united them, or the socio-political and cultural context in which they moved. Finally, considering the advances made in this field of study, the conception of a new research project will be presented, centred on an unpublished set of *epistolae medicinales* and *consilia* by Jorge Godines, a 16th-century Portuguese physician.

**Keywords:** Digital Humanities; New Philology; Jorge Godines; *epistolae medicinales*; *consilia*; Portuguese Renaissance Humanism.

## 1. Humanidades Digitais: da génese à atualidade

No âmbito das Ciências Humanas e Sociais, emergiu nos últimos anos um novo campo de investigação, denominado Humanidades Digitais. Dedicado à conceção, análise e aplicação de ferramentas e de métodos digitais às Humanidades, estuda também o impacto da digitalização na sociedade contemporânea, refletindo a preocupação da comunidade académica em compreender as profundas transformações decorrentes da omnipresença das tecnologias digitais no quotidiano humano, que se manifesta tanto no domínio privado, em que as redes sociais vieram alterar substancialmente os paradigmas

de interação social e de construção da identidade, quanto na esfera laboral, através da implementação de ferramentas digitais que revolucionaram os processos de gestão e execução de tarefas. Face a este cenário de transformação inexorável e avassaladora, um número considerável de investigadores tem-se dedicado a examinar criticamente o modo como a digitalização influencia, ou condiciona, a perceção humana do mundo e os processos de construção e disseminação do conhecimento.

O relativamente recente universo das Humanidades Digitais tem sido objeto de ampla controvérsia. De facto, as duas últimas décadas foram particularmente fecundas na publicação de bibliografia sobre a designação<sup>2</sup>, o estatuto<sup>3</sup> e o

<sup>2</sup> A adoção do sintagma ‘Humanidades Digitais’ (*Digital Humanities*), que se consolidou no meio académico e científico a partir dos anos 2000, suplantando a designação ‘Computação nas Humanidades’ (*Humanities Computing*), predominante na década de 90 (Portela, 2018, p. 93), não foi isenta de controvérsia, “seja pela indefinição do campo de atuação teórico-metodológico ou pela ampla perspectiva de mobilização das ciências humanas e sociais para o uso de ferramentas digitais nos campos de investigação” (Holanda & Ximenes, 2022, p. 128). Unsworth, na conferência “A Master’s Degree in Digital Humanities: Part of the Media Studies Program”, proferida a 25 de maio de 2001 no Congresso das Ciências Sociais e Humanidades na Université Laval, no Quebec, justificou a escolha do nome *Digital Humanities* para o programa pioneiro nesta área, com o argumento de que a designação ‘Informática nas Humanidades’ (*Humanities Informatics*) apresentava uma conotação excessivamente tecnocrática, enquanto ‘Computação Digital’ (*Digital Computing*) sugeria uma mera função de apoio informático. Por seu turno, McCarty (2005, p. 2) manifesta preferência pela expressão ‘Computação nas Humanidades’ (*Humanities Computing*), apresentando três argumentos: o potencial oxímoro que suscita questionamentos sobre a relação entre os dois domínios; a primazia conferida às ‘Humanidades’, que, embora adjetivadas, mantém a sua posição nominal; e a concatenação de termos de origem latina segundo a estrutura sintática anglo-saxónica. Bernard Stiegler, na chamada de textos para o congresso “Entretiens du Nouveau Monde Industriel” de 2012, propõe a designação ‘Estudos Digitais’ (*Digital Studies*), visando ampliar o escopo da investigação neste campo, de modo a abranger o estudo das técnicas e tecnologias intelectuais em geral, considerando os seus efeitos sobre o conhecimento. Pannapacker (2013) sugere a possibilidade de se adotar a designação ‘Artes Liberais Digitais’ (*Digital Liberal Arts*), enquanto Alvarado (2013) critica o carácter elitista e pouco inclusivo do sintagma ‘Humanidades Digitais’, corroborando a perspectiva de Pannapacker sobre a necessidade de repensar a nomenclatura. Moretti (2016) assume uma posição mais incisiva, declarando que, apesar da falta de precisão semântica da expressão ‘Humanidades Digitais’, esta se disseminou amplamente, sendo utilizada inclusive por si próprio. Não obstante, reconhece que ‘Crítica Computacional’ constituiria uma designação mais rigorosa.

<sup>3</sup> O estatuto das Humanidades Digitais como disciplina autónoma tem suscitado um intenso debate entre os académicos. Schreibman, Siemans & Unsworth (2004, p. xxiii) postulam que as Humanidades Digitais podem ser perspectivadas como uma disciplina por direito próprio. McCarty (2016), por seu turno, assinala que tal perspectiva emergiu apenas nos anos 2000. Svensson (2010) argumenta que a complexidade em defini-las como disciplina *per se* advém da sua natureza multidisciplinar e da heterogeneidade das práticas que lhe estão associadas. Não obstante a sua génese estar intrinsecamente associada à Computação nas Humanidades (*Humanities Computing*), as Humanidades Digitais incorporam elementos teóricos e metodológicos de diversas outras áreas disciplinares (Schreibman, Siemans & Unsworth (2004); Berry (2012); Gold (2012); Berry & Fagerjord (2017)). Esta hibridiz, segundo alguns académicos, compromete a sua definição e consolidação como disciplina autónoma. Luhmann & Burghardt (2022, p. 149) sugerem que o debate em torno da sua definição como disciplina decorre da relação que as Humanidades Digitais mantêm com as Ciências da Informação, com as quais partilham um conjunto de interesses na gestão da informação, modelagem de dados e constituição de bibliotecas. Os mesmos autores salientam que a ambiguidade conceptual das Humanidades Digitais leva alguns estudiosos, como Alvarado (2012) e Cordell (2016), a contestarem a sua classificação como disciplina autónoma, no presente e no futuro.

âmbito<sup>4</sup> das Humanidades Digitais. De um modo geral, têm sido definidas como uma área de conhecimento interdisciplinar, alicerçada na interseção e articulação da investigação em Ciências Humanas com métodos e ferramentas de base tecnológica. Abrangendo uma variedade de disciplinas (e.g. Linguística, Literatura, Filosofia, História...) e uma ampla gama de atividades, que vão desde a digitalização e preservação de materiais culturais em suporte diverso até ao tratamento automático, interpretação e divulgação do património linguístico e literário, ou mesmo à conceção de ferramentas e plataformas digitais para fins de pesquisa, seleção, organização e disseminação de informação, as Humanidades Digitais exploram novas formas de compreensão, divulgação e interação com a ciência e a história humanas.

Não obstante o consenso generalizado de que as Humanidades Digitais emergem da confluência entre a computação e as Humanidades, consideram-nas os especialistas uma área disciplinar ou um domínio científico em permanente construção. O debate ininterrupto em torno da sua (in)definição revela, aliás, que o território continua em negociação<sup>5</sup>, não havendo uma conceção unívoca das Humanidades Digitais enquanto tal. Entre os cada vez mais numerosos especialistas e profissionais que empregam o termo, encontramos uma multiplicidade de definições, as quais dependem, fundamentalmente, das suas áreas de estudo e intervenção<sup>6</sup>. Muitos investigadores tendem a conceber as Humanidades Digitais como uma metodologia que transpõe para a prática tradicional das Humanidades as ferramentas e as potencialidades da computação. Já os cientistas da computação tendem a perspetivá-las como o estudo do impacto do formato eletrónico nas disciplinas em que é aplicado, bem como dos contributos que estas podem aportar ao nosso conhecimento da informática<sup>7</sup>.

A questão é, de facto, problemática. Se, para alguns autores, as Humanidades Digitais devem ser vistas como a aplicação de métodos computacionais à investigação em Humanidades, ou, dito de outro modo, a aplicação de métodos das Ciências Humanas ao estudo de objetos ou fenómenos digitais<sup>8</sup>, para

<sup>4</sup> Sobre o escopo epistémico das Humanidades Digitais, leiam-se, por exemplo, Schreibman, Siemens & Unsworth (2004); Svensson (2009); Berry (2012); Gold (2012); Warwick, Terras & Nyhan (2012); Gardiner & Musto (2015); Svensson & Goldberg (2015); Berry & Fagerjord (2017); Portela (2020). Sobre as Humanidades Digitais enquanto comunidade de práticas, em território nacional e internacional, leia-se Alves (2016a).

<sup>5</sup> Svensson (2010).

<sup>6</sup> Berry & Fagerjord, 2017, p. 4.

<sup>7</sup> Gardiner & Musto, 2015, p. 3.

<sup>8</sup> Warwick, Terras & Nyhan, 2012, pp. XIV-XV.

outros, que defendem uma perspectiva mais lata e inclusiva, as Humanidades Digitais questionam o significado de ser humano na era da informação em rede e de participar em comunidades de práticas fluidas, suscitando e dando resposta a questões de investigação que não podem ser circunscritas a um único género, meio, disciplina ou instituição<sup>9</sup>. Há ainda quem perspetive o campo como um conjunto partilhado de métodos, ferramentas e arquivos, transversal às Humanidades, sem um foco disciplinar próprio, para além da construção de melhores ferramentas e arquivos<sup>10</sup>.

As Humanidades Digitais são consideradas, por alguns estudiosos, uma disciplina autónoma, por outros, um domínio interdisciplinar, dada a sua estreita relação com áreas como a Linguística Computacional e as Ciências da Informação<sup>11</sup>. A natureza interdisciplinar e heterogénea que caracteriza a investigação e as atividades desenvolvidas no âmbito das Humanidades Digitais tem conduzido alguns autores a defini-las metaforicamente como uma ‘grande tenda’ (*big tent*), capaz de acolher disciplinas várias e profissionais de proveniência diversa<sup>12</sup>. Não obstante, este conceito tem sido alvo de críticas e rejeição por parte de outros estudiosos, ao argumentarem que transmite a noção falaciosa de que o território das Humanidades Digitais não conhece fronteiras disciplinares e estruturais, o que, em última análise, poderia comprometer a sua própria existência<sup>13</sup>. Neste contexto, Robertson (2016) estabelece algumas fronteiras, propondo que, ao invés de as concebermos como uma ‘imensa tenda’, as perspetivemos como uma casa com múltiplas divisões, oferecendo espaços distintos para diversas disciplinas, não como compartimentos estanques, mas como pontos de entrada e de passagem para espaços centrais, onde pessoas provenientes de diferentes disciplinas, trabalhando

<sup>9</sup> Burdick, Drucker & Lunenfeld, 2012, p. vii. De acordo com estes autores, as Humanidades Digitais representam uma significativa expansão no âmbito das Humanidades. Argumentam que esta área de estudo proporciona uma abordagem global, trans-histórica e transmediática ao conhecimento e à produção de significado. Estes investigadores postulam que as Humanidades Digitais têm a capacidade de integrar os valores, as práticas representacionais e interpretativas, as estratégias de construção de significado, bem como as complexidades e ambiguidades inerentes à condição humana, em todos os domínios da experiência e do conhecimento do mundo. (loc. cit.) Esta perspetiva sugere que as Humanidades Digitais não se limitam a aplicar ferramentas tecnológicas às disciplinas humanísticas tradicionais, antes propõem uma reconfiguração em todos os domínios da experiência e do conhecimento do mundo.

<sup>10</sup> Berry & Fagerjord, 2017, p. 33.

<sup>11</sup> Luhmann & Burghardt, 2022, p. 167.

<sup>12</sup> Svensson (2012); Terras (2013). Conforme recordam Luhmann & Burghardt, 2022, p. 168, n. 1, a expressão *Big Tent Digital Humanities* foi cunhada como tema oficial do colóquio internacional *Digital Humanities 2011*, na Universidade de Stanford. Leia-se, a propósito, Jockers & Woryhey (2011); Pannapacker (2011a); Pannapacker (2011b).

<sup>13</sup> A título de exemplo, veja-se Terras, 2013, p. 268. A autora questiona: “if everyone is a Digital Humanist, then no one is really a Digital Humanist. The field does not exist if it is all pervasive, too widely spread, or ill defined”.



linguística, por outro<sup>20</sup>. A indexação dos escritos de Tomás de Aquino, desenvolvida por Busa com o apoio de Watson, veio demonstrar a utilidade dos computadores na pesquisa, seleção, arquivamento e recuperação de informação. A pesquisa e a contagem de palavras não foram um fim em si mesmas, mas um meio que permitiu a Busa interpretar a teologia e a filosofia moral de Aquino<sup>21</sup>. Subsequentemente a esta investigação, outros estudiosos procuraram explorar as virtualidades da computação no trabalho de erudição humanística. A partir de então, as esferas dos Estudos Humanísticos e da computação entrosaram-se, primeiramente, através da experimentação, mais tarde, mediante o esforço envidado na criação de uma infraestrutura sustentável para o trabalho académico nas Humanidades<sup>22</sup>.

As décadas de 70 e 80 são caracterizadas como um período de consolidação dos métodos de análise textual<sup>23</sup>. Com o incremento das capacidades de armazenamento e processamento a partir de finais dos anos 70, os arquivos eletrónicos de texto e multimédia assumiram preponderância no campo<sup>24</sup>. Já entre meados da década de 80 e o início dos anos 90, registaram-se avanços significativos na computação aplicada às Humanidades. Estes podem ser atribuídos, por um lado, à introdução de duas novas ferramentas tecnológicas – o computador pessoal (o chamado PC ou *personal computer*) e o correio eletrónico (*electronic mail*) – e, por outro, à disseminação da utilização de computadores e à necessidade de minimizar a duplicação de esforços<sup>25</sup>.

<sup>20</sup> Svensson (2009).

<sup>21</sup> Gardiner & Musto, 2015, p. 2.

<sup>22</sup> Gardiner & Musto, 2015, p. 3.

<sup>23</sup> Hockey, 2004, p. 7: “If any single-word term can be used to describe this period, it would almost certainly be “consolidation.” More people were using methodologies developed during the early period. More electronic texts were being created and more projects using the same applications were started. Knowledge of what is possible had gradually spread through normal scholarly channels of communication, and more and more people had come across computers in their everyday life and had begun to think about what computers might do for their research and teaching”.

<sup>24</sup> Neste período, grupos de investigadores empreenderam iniciativas mais concertadas para criar repositórios textuais destinados à investigação. Merece particular destaque o *Thesaurus Linguae Graecae* (TLG), iniciado na Universidade da Califórnia e dirigido durante um longo período por Theodore Brunner. Este angariou avultados fundos para apoiar a criação de uma “base de dados” abrangente de textos gregos antigos, compreendendo autores desde Homero até cerca de 600 d.C. Uma coleção complementar de latim clássico foi produzida posteriormente pelo Packard Humanities Institute; em conjunto com o TLG, proporcionou aos estudiosos de Estudos Clássicos um recurso de pesquisa sem paralelo noutras disciplinas (Hockey, 2004, pp. 8-9). Adicionalmente, o *Persues Project*, lançado em 1985, constituiu-se como uma biblioteca digital de textos antigos gregos e latinos, permitindo aos investigadores analisar e comparar vastos *corpora* de literatura clássica. Estas realizações estão na génese de um subcampo específico das Humanidades Digitais, denominado Clássicos Digitais (ou *Digital Classics*), focado na aplicação de tecnologias digitais ao estudo e à análise de textos da Antiguidade Greco-Latina.

<sup>25</sup> Hockey, 2004, p. 10.



bases de dados textuais<sup>31</sup>. Esta vertente tendia a centrar-se no apoio a projetos em Humanidades, traduzindo-se na aplicação de conhecimento e experiência técnicos, donde ser comum pensar-se que competia aos especialistas em Humanidades a conceção e direção científica do projeto, cabendo aos técnicos de Computação nas Humanidades a implementação do mesmo<sup>32</sup>.

Não raras vezes, também, as Humanidades Digitais têm sido objeto de crítica, devido à sua ênfase – considerada excessiva por alguns – na criação de ferramentas e métodos digitais, bem como pela sua propensão para o tecnicismo, em detrimento da sua orientação humanística. É neste contexto que diversos pensadores têm advogado a adoção de uma atitude mais crítica por parte das Humanidades Digitais. Argumenta-se que as mesmas, para além da capacidade técnica de conceberem ferramentas de investigação sofisticadas, devem ser capazes de desenvolver teorias e conceitos inovadores acerca do papel da computação e do digital na cultura<sup>33</sup>. Adicionalmente, propõe-se que esta área empreenda uma reflexão sobre a interseção das Humanidades com a computação e que considere o digital como objeto de investigação *per se*, integrando-o na problemática dos Estudos Humanísticos na era digital<sup>34</sup>.

A paulatina substituição da designação ‘Computação nas Humanidades’ por ‘Humanidades Digitais’ reflete a evolução significativa operada neste campo. A alteração indica que o labor das Humanidades em formato digital se foi tornando mais relevante do que o mero trabalho auxiliado por computadores. Esta área de conhecimento, que se expandiu consideravelmente nas últimas quatro décadas, é agora muito mais abrangente do que no passado, abarcando não apenas a modelação e análise computacional da informação relacionada com as Humanidades, mas também o estudo cultural das tecnologias digitais, explorando as suas potencialidades criativas e analisando o seu impacto social<sup>35</sup>.

Conforme foi referido, não obstante humanistas e cientistas da computação terem perspetivas distintas sobre o escopo epistémico e o âmbito das Humanidades Digitais, não restam dúvidas de que o elemento digital está

<sup>31</sup> Como afirmam Berry & Fagerjord, 2017, p. 32, a partir de 2001, a Computação nas Humanidades (*Humanities Computing*) passou a ser conhecida como Humanidades Digitais (*Digital Humanities*), termo relativamente recente que tem a sua origem na história mais antiga da computação nas Ciências Humanas.

<sup>32</sup> Berry & Fagerjord, 2017, p. 25.

<sup>33</sup> Berry & Fagerjord, 2017, p. 38.

<sup>34</sup> Leia-se, a este propósito, Berry (2012); Berry (2014).

<sup>35</sup> Schreibman, Siemans & Unsworth, 2015, p. xvii. Por sugestão da editora, com o objetivo de reorientar a ênfase da ‘computação’ para o domínio das ‘humanidades’, os autores optaram por adotar neste volume de ensaios a nomenclatura ‘Humanidades Digitais’, para caracterizar o campo de estudos em que se insere a coletânea. (loc. cit.). Esta alteração terminológica reflete uma mudança conceptual significativa na forma como se percebe a e se enquadra este emergente campo interdisciplinar

subjacente a todas as abordagens e propostas de definição<sup>36</sup>. Independentemente da pluralidade de perspectivas e contributos para a discussão, as Humanidades Digitais estão, e sempre estarão, muito conotadas com uma “viragem computacional” nos Estudos Humanísticos<sup>37</sup> e, ao mesmo tempo, com uma “maneira digital” de fazer investigação em Humanidades<sup>38</sup>. Efetivamente, entendidas como tal, trouxeram consigo uma série de contributos relevantes: a possibilidade de uma análise mais detalhada e de uma interpretação mais consistente de *corpora* vários, que permitem aos investigadores a identificação de tendências, padrões e correlações, nem sempre óbvias à luz de métodos de investigação convencionais; a digitalização e a disponibilização de obras, documentos e outros materiais relevantes, originalmente concebidos em formatos diversos, a um público mais amplo, que inclui quer especialistas (e.g. linguistas, historiadores, sociólogos), quer a comunidade em geral; a criação, gestão, disseminação e preservação de recursos digitais que fomentam e facilitam a investigação e o ensino nas Humanidades, tais como bibliotecas digitais, bases de dados e outros arquivos em linha; o desenvolvimento de ferramentas que permitem uma visualização mais clara e compreensível dos dados recolhidos; a promoção de uma conectividade mais célere e de uma colaboração mais efetiva entre investigadores de diferentes proveniências geográficas e científicas em projetos interdisciplinares, bem como uma partilha mais eficaz dos resultados obtidos; o estímulo à inovação científica e pedagógica, através do incentivo a abordagens mais experimentais e colaborativas nos Estudos Humanísticos; a reflexão sobre problemáticas contemporâneas, como o impacto das tecnologias na sociedade, a influência das redes sociais na cultura, a interação homem-máquina e o papel das Humanidades Digitais nos *curricula* académicos, entre outras; a democratização da cultura, ao proporcionarem o acesso de um público mais vasto à história e ao património, mediante a conceção de projetos interativos, exposições em linha, entre outras iniciativas.

<sup>36</sup> Gardiner & Musto, 2015, p. 4.

<sup>37</sup> Berry, 2011, p. 23: “The importance of understanding computational approaches is increasingly reflected across a number of disciplines, including the arts, humanities and social sciences, which use technologies to shift the critical ground of their concepts and theories – essentially a *computational turn*”. Leia-se também Hall (2012), que reflete sobre as razões que terão levado a esta viragem computacional (*turn toward computing*) no seio dos estudos humanísticos.

<sup>38</sup> Berry & Fagerjord, 2017, p. 3.

## 2. A Nova Filologia como novo paradigma do labor filológico

O advento das tecnologias digitais, aliado ao desenvolvimento de ferramentas de análise e de métodos concebidos no âmbito da Computação nas Humanidades, propiciou, no final do século XX, a emergência de um novo paradigma no domínio da investigação filológica. Conforme observam Holanda & Ximenes (2022) 125, “a filologia caminha *pari passu* às ações do ser humano e suas intervenções no mundo, sobretudo quando se trata de comunicação e linguagem, por isso adquire novos formatos, novos métodos e novos objetos de investigação, embora permaneça centrada no texto. Sendo assim, ainda que atravessada pelas recentes tecnologias, preserva em suas tarefas primordiais o desvelar de aspectos sociais, históricos, culturais e linguísticos, partindo do texto”<sup>39</sup>.

Este novo paradigma do fazer filológico foi assinalado pela publicação, em fevereiro de 1990, de um número especial da revista *Speculum*<sup>40</sup>, sob a coordenação de Stephen Nichols, intitulado “New Philology”. Segundo Cohen (2017), esta publicação introduziu a “revolução pós-estruturalista no estudo e na concetualização da chamada Idade Média”. De facto, no texto introdutório da revista, Nichols defende a materialidade dos textos medievais, argumentando que o estudo dos mesmos deveria considerar não apenas o seu conteúdo, mas também a sua forma física e material<sup>41</sup>. Ao mesmo tempo, enfatiza a importância de estudar as variantes de um mesmo texto, ao invés de se procurar chegar a uma versão “ideal”, considerando que a *variation* é característica essencial dos

<sup>39</sup> Na mesma linha de pensamento, defendem Marcotúlio, Lopes, Bastos & Oliveira (2018) que o filólogo é o investigador que estuda o texto levando em consideração o seu contexto socio-histórico de produção e circulação e que tem por função recuperar, preservar e fixar os textos que, posteriormente, poderão ser objeto de análises de natureza diversa.

<sup>40</sup> Publicada desde 1926 na Universidade de Chicago, esta revista é a mais antiga publicação periódica dedicada dos Estudos Medievais da América do Norte.

<sup>41</sup> Nichols, 1990, p. 7: “It is that manuscript culture that the “new” philology sets out to explore in a postmodern return to the origins of medieval studies. If one considers only the dimensions of the medieval illuminated manuscript, it is evident that philological practices that have treated the manuscript from the perspective of text and language alone have seriously neglected the important supplements that were part and parcel of medieval text production: visual images and annotation of various forms (rubrics, “captions”, glosses, and interpolations). The medieval folio was not raw material for text editors and art historians working separately. It contained the work of different artists or artisans – poet, scribe, illuminator, rubricator, commentator – who projected collective social attitudes as well as interartistic rivalries onto the parchment. The manuscript folio contains different systems of representation: poetic or narrative text, the highly individual and distinctive scribal hand(s) that inscribe that text, illuminated images, coloured rubrications, and not infrequently glosses or commentaries in the margins or interpolated in the text. Each system is a unit independent of the others and yet calls attention to them; each tries to convey something about the other while to some extent substituting for it”.



proposto por Bédier em 1928<sup>47</sup>. Em contrapartida, a nova abordagem filológica passou a interessar-se pelas diferentes versões de um texto, reconhecendo como essencial para a compreensão do processo de transmissão e de potenciais intenções autorais a análise dessas mesmas variantes. Esta nova perspectiva enfatiza a importância do estudo e da edição dos textos com o auxílio de ferramentas informáticas, na forma como estes foram efetivamente transmitidos e recebidos ao longo do tempo. Em consequência, o manuscrito deixa de ser perspectivado como uma cópia, imperfeita por definição, para passar a ser entendido como uma recepção positiva de um texto que ganha existência através das diferentes versões preservadas.

Volvida uma década, o autor reafirmaria esta perspectiva na comunicação intitulada “Une nouvelle philologie?”, apresentada no colóquio internacional decorrido em Budapeste (2000), subordinado ao tema aglutinador “Filologia na Era da *Internet*” (*Philology in the Internet Era*). Depois de apresentar o paradigma da filologia tradicional (*Le paradigme I, l’ancienne philologie*), Cerquiglini contrapõe um novo paradigma – *Le second paradigme, la nouvelle philologie* –, ancorado na Nova Crítica de Roland Barthes e Jacques Derrida (que preconiza uma abordagem mais filosófica e literária dos textos), mas também na informática contemporânea, que proporciona novas ferramentas de edição (computadores, Internet), bem como novos conceitos e ideias (hipertexto, texto maleável), que vinham alterar a percepção do filólogo sobre o texto e, ao mesmo tempo, punham termo ao monopólio do livro impresso<sup>48</sup>. A variância continuava a ser considerada uma característica fundamental da literatura manuscrita, o manuscrito era valorizado como uma recepção positiva do texto e este seria editado e estudado no seu contexto, integrado na materialidade do códex. Em síntese, o paradigma de filologia agora proposto era entendido como sendo mais adequado e pertinente para a compreensão e edição de textos medievais do que a abordagem anterior, tida como desatualizada e menos eficaz.

O foco sobre a variância textual e a ênfase na materialidade do texto medieval, ou na sua forma física (seja manuscrito ou códice), enquanto parte do processo de construção de significado, encontram-se igualmente plasmadas nos três princípios fundamentais da ‘new’ ou ‘*material philology*’,

<sup>47</sup> Banza, 2017, p. 17.

<sup>48</sup> Conforme afirma Cerquiglini (2000), é tripla a ação da informática: “Elle nous fournit tout d’abord, des instruments d’édition nouveaux (ordinateurs multimédias, réseau de l’internet, etc.); elle nous munit ensuite de concepts et d’idées (notion d’hypertexte, de texte malléable, de partage textuel) qui changent notre image du texte; elle marque enfin, et surtout, la fin du monopole livresque comme support de l’écrit”.

conforme delineados por Driscoll (2010) 90-91: 1) as obras literárias não existem independentemente dos seus elementos materiais, e a forma física do texto é parte integrante do seu significado, tornando-se, pois, pertinente considerar ‘a totalidade do livro’ e as relações entre o texto e elementos como a forma e a disposição, as iluminuras, as rubricas e outros elementos paratextuais, bem como os não menos importantes *marginalia*; 2) estes objetos físicos são o resultado de uma série de processos que envolvem um número potencialmente elevado de intervenientes, emergindo em contextos temporais, espaciais e funcionais específicos, todos eles condicionados por fatores sociais, económicos e intelectuais. Estes fatores influenciam a forma que o texto assume e, conseqüentemente, são também parte do seu significado; 3) estes objetos físicos persistem ao longo do tempo, sendo disseminados e consumidos de formas que são, de igual modo, social, económica e intelectualmente determinadas, das quais conservam vestígios.

Por conseguinte, o novo paradigma de labor filológico emerge, por um lado, de uma “base filosófico-teórica” e, por outro, de “uma base tecnológica propiciada pelos computadores, pelos CDs, pela *internet*, pelos *hiperlinks*”<sup>49</sup>. Em contraste com os métodos predominantemente manuais da filologia tradicional, a Nova Filologia recorre a *software* e a outros recursos digitais que garantem a automatização de tarefas, a análise de grandes volumes de dados textuais com maior consistência, precisão e rapidez, bem como a identificação de padrões e relações entre textos que, nos moldes anteriores, se afiguravam de mais difícil concretização.

Outro aspeto distintivo desta nova abordagem filológica reside na sua natureza intrinsecamente interdisciplinar. A colaboração entre filólogos, linguistas, historiadores, especialistas da computação, entre outros, propicia uma compreensão mais profunda e abrangente dos textos e dos contextos em que o manuscrito foi produzido, copiado e lido.

Este movimento intelectual, que, como já referimos, surgiu no âmbito dos Estudos Medievais no final da década de 1980, ganhou um impulso significativo nos últimos anos com a digitalização, a ponto de o resultado do entrosamento de métodos da filologia tradicional com ferramentas e tecnologias digitais ser hoje conhecido, também, como ‘Filologia Computacional’, ‘Filologia Eletrónica’<sup>50</sup>, ‘Filologia Digital’<sup>51</sup> ou ‘Filologia Virtual’<sup>52</sup>. A incorporação desses recursos

<sup>49</sup> Queiroz, 2019, p. 637.

<sup>50</sup> Leiam-se Marcos Marín (2001); Crane, Bamman & Jones (2013).

<sup>51</sup> Veja-se Banza (2023).

<sup>52</sup> Leiam-se Monte & Paixão de Sousa (2017).

tecnológicos no labor filológico veio: 1) viabilizar a digitalização de textos e a criação de bibliotecas digitais que garantem a preservação e o acesso a um vasto acervo de *corpora* anteriormente disponíveis apenas em formato físico; 2) tornar menos penosa a análise textual, possibilitando uma identificação mais célere e eficaz de padrões linguísticos, de temas e de relações intertextuais; 3) auxiliar a elaboração de edições críticas de textos antigos, com base em múltiplas fontes e variantes; 4) facilitar o armazenamento e o processamento de volumes consideráveis de dados textuais, comumente designados ‘bases de dados’; 5) proporcionar a visualização de dados, através da elaboração de gráficos e de outros recursos visuais, cruciais para a exploração, interpretação e comunicação de informações relativas aos textos tratados.

### 3. Projetos de investigação científica em Humanidades sob o signo do digital

A interseção entre as Humanidades e o digital proporcionou novas abordagens e, simultaneamente, a adoção de novos métodos de investigação. O advento de uma multiplicidade de plataformas, aplicações, técnicas e ferramentas, todas elas desenvolvidas sob o signo do ‘digital’, tem vindo a alterar drasticamente a forma como estudiosos de Humanidades fazem investigação, como recolhem, organizam, analisam e interpretam informação e como divulgam os resultados alcançados<sup>53</sup>. Estas mudanças profundas no modo como hoje se faz investigação em Humanidades vieram permitir a conceção de projetos ambiciosos, que requerem equipas pluridisciplinares numerosas, não raras vezes, um vasto leque de investigadores com competências e experiências simultaneamente diversas e complementares, motivados e capazes de dar resposta aos problemas que surgem no decurso da sua execução, não sendo incomum que filólogos, linguistas, estudiosos da Literatura e historiadores trabalhem em permanente articulação com especialistas e técnicos de Sistemas e Tecnologias de Informação.

No âmbito da investigação filológica, linguística e literária, e em tangência com as Humanidades Digitais, são múltiplos os caminhos que se abrem: 1) digitalização e transcrição de textos antigos ou modernos, mediante o recurso a tecnologias de reconhecimento automático de texto manuscrito, ou HTR (*Handwritten Text Recognition*), de reconhecimento ótico de caracteres, ou OCR (*Optical Character Recognition*) e de processamento de linguagem natural (PLN), que permitem o acesso alargado a essas fontes e facilitam a sua análise linguística e histórica; 2) reconstituição de textos corrompidos ou truncados,

<sup>53</sup> Gardiner & Musto, 2015, p. 3.

com base em padrões linguísticos e contextuais, com o auxílio de tecnologias de HTR, OCR e PLN; 3) edição digital de textos literários, históricos e filosóficos, incorporando anotações, comentários e recursos interativos que auxiliam o seu estudo; 4) análise de *corpora* vários, através da aplicação de ferramentas de mineração de texto e análise de dados que visam a identificação de padrões e tendências, como a frequência lexical, temas recorrentes, o estilo discursivo e a estrutura gramatical, contribuindo para uma melhor compreensão da autoria, do contexto histórico e das características técnico-formais dos textos analisados; 5) criação de repositórios digitais com vista à preservação e ao livre acesso a coleções literárias, históricas e filosóficas várias; 6) construção de bases de dados digitais que compilem e comparem diferentes traduções de uma mesma obra literária, considerando aspetos estilísticos, a fidelidade ao texto original e a receção crítica em distintos contextos culturais, permitindo perceber como diferentes tradutores abordam e interpretam o original; 7) estudo diacrónico das línguas, através da análise comparativa de textos de diferentes épocas, identificando mudanças fonéticas, morfológicas, sintáticas e semânticas; 8) análise de redes, com vista ao mapeamento e visualização de conexões entre autores, obras e temas em *corpora* vários, inscritos em determinado período de tempo ou espaço geográfico, para a identificação de influências literárias, intertextualidades e redes de partilha e circulação de conhecimento; 9) estudo da receção de textos, com o intuito de perceber que impacto cultural tiveram e de que modo foram recebidos e interpretados ao longo do tempo, mediante a análise de comentários, resenhas literárias, traduções, adaptações e releituras; 10) estudo da relação entre espaço e literatura, utilizando Sistemas de Informação Geográfica (SIG), traduzível na criação de mapas de locais mencionados em obras literárias e em análises espaciais de tendências literárias; 11) integração de múltiplos modos de expressão (texto, áudio, vídeo) em estudos literários, traduzível, por exemplo, em ensaios multimodais e documentários digitais sobre literatura.

Diante de tão amplo e heterogêneo conjunto de possibilidades, têm sido muitos os projetos desenvolvidos no espaço científico além e aquém-fronteiras no âmbito das Humanidades Digitais e da Nova Filologia. Não sendo nossa pretensão proceder a um levantamento exaustivo de tais empreendimentos, até porque a ocasião não no-lo permitiria, destacaremos alguns dos que mais têm contribuído, a nosso ver, para a afirmação das Humanidades Digitais em Portugal, nas áreas da Linguística, da Literatura e da História. Pioneiro foi o “CRPC – Corpus de Referência do Português Contemporâneo”, iniciado em 1988 pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, sob a coordenação

de Amália Mendes, ao constituir “um vasto *corpus* electrónico da variedade europeia do Português e de outras variedades (Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Goa, Macau, Timor-Leste)”, que “abrange diferentes tipos de textos escritos (literário, jornalístico, técnico, etc.) e de registos orais (formal e informal)”<sup>54</sup>. Merece igualmente destaque o “CIPM – Corpus Informatizado do Português Medieval”, desenvolvido, desde 1993, pelo Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa, sob a direção de Maria Francisca Xavier, e dedicado à “constituição e disponibilização de um *corpus* informatizado, o CIPM, e de estudos linguísticos para a constituição de uma Gramática, bem como de um Dicionário”<sup>55</sup>. De referir é ainda o “DICIweb – Corpus Lexicográfico do Português”, um projeto coordenado por Telmo Verdelho, sediado no então Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro e, mais tarde, no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Iniciado em 2000, focou-se no estudo de textos antigos, com particular ênfase em textos dicionarísticos (séculos XVI-XIX), “promovendo a sua edição e o tratamento em base de dados”<sup>56</sup>. Igualmente notável é o projeto “Edição electrónica de *Leal Conselheiro*, de D. Duarte”, iniciado em 2008. Desenvolvido por duas equipas, uma na Universidade de Lisboa, coordenada por João Dionísio e por Pedro Estácio, a outra com sede na Universidade de Wisconsin-Madison, coordenada por Paloma Celis Carbajal, teve por principal objetivo “acolher uma edição crítica electrónica do *Leal Conselheiro*, que se pretende seja usada por professores, investigadores e estudantes universitários”<sup>57</sup>. Esta edição eletrónica compreende um texto editado, notas sobre antropónimos e topónimos, um aparato crítico que inclui as leituras mais relevantes de editores anteriores e um fac-símile digital completo do manuscrito de Paris, o único com o texto completo do tratado moral escrito por D. Duarte no final da sua vida (1437-1438)<sup>58</sup>.

Promovendo a investigação nos domínios da História e da Linguística, o projeto “iForal | Forais medievais portugueses: uma perspectiva histórica e linguística na era digital”, iniciado em 2021 e desenvolvido pelo Centro de História da Universidade de Lisboa, em parceria com o Centro de Linguística da mesma universidade, sob coordenação de Filipa Roldão, “visa o estudo histórico-linguístico das cartas de foral outorgadas pelo poder régio até 1279,

<sup>54</sup> <https://clul.ulisboa.pt/projeto/crpc-corpus-de-referencia-do-portugues-contemporaneo>.

<sup>55</sup> <http://cipm.fcsh.unl.pt>.

<sup>56</sup> <http://clp.dlc.ua.pt/Projecto.aspx>.

<sup>57</sup> <https://search.library.wisc.edu/digital/ALealConselheiro>.

<sup>58</sup> <https://search.library.wisc.edu/digital/AHFOYD64YMUPRD8L/fulltext>.

bem como os seus testemunhos latinos e vernaculares produzidos até ao final do século XV”. Mediante a aplicação dos mais recentes desenvolvimentos tecnológicos das Humanidades Digitais à paleografia e à edição crítica, a equipa multidisciplinar responsável por este projeto propõe-se promover “a salvaguarda de um dos mais antigos exemplos de património escrito dos poderes locais e também do Reino português”<sup>59</sup>.

Também na área da História, convém salientar o projeto “Western Sephardic Diaspora Roadmap (WSD Roadmap)”<sup>60</sup>, iniciado em janeiro de 2021 pelo Centro de Humanidades (CHAM) e pelo Laboratório de Humanidades Digitais (Lab\_HD) do Instituto de História Contemporânea (IHC), ambos da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL), sob coordenação de Paula Ochôa e Daniel Alves. Este projeto, que conta com a participação de Carla Vieira como Investigadora Principal, “conjuga os estudos da diáspora sefardita ocidental com as metodologias das Humanidades Digitais e das Ciências da Informação”, visando “criar um portal *online*, de acesso aberto, que agrega descrições de coleções arquivísticas europeias e extraeuropeias com materiais de interesse para o estudo da diáspora sefardita e dos seus antecedentes”<sup>61</sup>. Igualmente digno de nota é o projeto exploratório subsidiado pela FCT “Transcrever os Processos da Inquisição Portuguesa (1536-1821) (TraPrInq)”, desenvolvido entre 2022 e 2023 no CHAM da FCSH-UNL, sob coordenação de Hervé Baudry, e cujo *output* maior foi um modelo de *Handwritten Text Recognition* (HTR) criado na plataforma de paleografia digital *Transkribus*, com o objetivo de permitir a leitura e “o acesso público a uma grande coleção de documentos históricos, os processos do tribunal da Inquisição portuguesa (1536-1821)”<sup>62</sup>.

Já no domínio dos Estudos Literários, merece destaque o projeto interdisciplinar e cooperativo “LITESCPE.PT – Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental”, desenvolvido pelo IELT – Instituto de Estudos de Literatura e Tradição, da FCSH-UNL, em parceria com o IHC, da mesma instituição, a *Fabula Urbis* e a Fundação Eça de Queiroz, sob coordenação de Ana Isabel Queiroz, entre 2010 e 2017, e de Daniel Alves e Natália Constâncio, desde 2018. Este projeto investiga a relação entre Literatura, paisagens nela representadas e ambiente, combinando “leitura de obras literárias de escritores dos séculos XIX e XX”, “seleção de excertos, classificação de acordo com um

<sup>59</sup> <https://iforal.hypotheses.org>.

<sup>60</sup> <https://projetos.dhlab.fcsh.unl.pt/s/wsdroadmap/page/homepage>.

<sup>61</sup> Vieira & Paulino, 2023, pp. 89-90.

<sup>62</sup> <https://traprinq.mozellosite.com>.

conjunto de descritores geográficos e de paisagem e registo numa base de dados partilhada por todos os membros da equipa de projeto”<sup>63</sup>. Digno de nota é também o projeto “Nenhum Problema Tem Solução: Um Arquivo Digital do *Livro do Desassossego*”, do Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra, iniciado em 2012, cujo objetivo foi a produção de um arquivo digital hipermédia dedicado ao *Livro do Desassossego* de Bernardo Soares/Fernando Pessoa (LdoD)<sup>64</sup>, coordenado por Manuel Portela, “um dos mais dinâmicos investigadores na incorporação do discurso sobre as Humanidades Digitais”<sup>65</sup>. Dedicado ao estudo da obra de outro insigne autor português, é de salientar o projeto “Garrettonline”<sup>66</sup>, do IELT, da FCSH-UNL, que “edita em ambiente digital”, desde 2013, sob coordenação de Sandra Boto, “o *Romanceiro* do escritor português Almeida Garrett”, relançando “o papel que cabe à edição filológica digital na difusão dos patrimónios literários”<sup>67</sup>.

### 3.1. A aplicação de ferramentas e de métodos digitais ao estudo de *corpora* epistolares

O estudo de *corpora* epistolares, campo de particular relevância para o nosso estudo, beneficia substancialmente da aplicação de ferramentas e de métodos concebidos e adotados pelas Humanidades Digitais. Uma vez mais, é imenso o leque de possibilidades: 1) edição digital de correspondência privada ou oficial de autores com relevo histórico, literário e científico, que poderá envolver a transcrição, marcação e anotação de cartas, bem como a elaboração de metadados que facilitem a pesquisa e a navegação no *corpus*; 2) análise de redes de correspondência, recorrendo a técnicas de análise de redes que visam o mapeamento e a visualização de conexões entre remetentes e destinatários, a qual poderá, em última instância, dar a conhecer padrões de comunicação, redes de influência e interações sociais em contextos históricos ou literários específicos; 3) análise computacional de aspetos técnico-formais e estruturais de cartas, tais como a extensão, o vocabulário usado, o estilo do epistológrafo e as fórmulas de cortesia, com o propósito de identificar padrões do género epistolar e diferenças individuais estilísticas do autor; 4) reconstituição de correspondência fragmentada ou corrompida, através do recurso a algoritmos de reconstrução textual e com base em padrões linguísticos e contextuais; 5)

<sup>63</sup> <https://ielt.fcsh.unl.pt/paisagensliterarias>.

<sup>64</sup> <https://projetoldod.wordpress.com>.

<sup>65</sup> Alves (2016b) 94.

<sup>66</sup> <https://garrettonline.romanceiro.pt>.

<sup>67</sup> Boto, 2023, pp. 373.



identificar. Conforme esclarece a equipa de investigadores na página oficial do projeto, “it also aims to create a repository for metadata on early-modern scholarship, and guidelines for future data capture”<sup>70</sup>.

Notável é também o projeto digital colaborativo e interdisciplinar denominado “Early Modern Letters Online (EMLO)”, cuja génese remonta a 2009 e que se encontra sediado na Universidade de Oxford. Visa constituir um abrangente catálogo de acesso aberto de cartas trocadas entre eruditos de proveniência diversa, no período compreendido entre 1550 e 1750. O EMLO disponibiliza metadados detalhados sobre cada missiva, facultando ainda o acesso a transcrições e reproduções digitais, quando disponíveis<sup>71</sup>.

Já o projeto “Frühneuzeitliche Ärztebriefe des deutschsprachigen Raums (1500-1700)”, sediado desde 2009 no Instituto de História da Medicina da Universidade de Würzburg, supervisionado pela Academia de Ciências e Humanidades da Baviera e sob a liderança de Michael Stolberg, estabeleceu o objetivo de catalogar a correspondência dos médicos com formação académica no mundo germanófono do período compreendido entre 1500 e 1700, de forma tão completa quanto possível, através de uma base de dados. A correspondência em questão, maioritariamente redigida em latim ou alemão, encontra-se à guarda de numerosos arquivos e bibliotecas na Alemanha e além-fronteiras. O *corpus* documental abarca epístolas académicas, *consilia* e cartas de pacientes, bem como correspondência privada com familiares e amigos, para além de intercâmbios epistolares com impressores, patronos e autoridades. Consequentemente, a panóplia de temas abordados é muito vasta, transcendendo largamente o domínio estritamente médico. Este catálogo digital, em constante expansão, constituirá um instrumento valioso para investigadores de todos os espetros das Humanidades, permitindo-lhes localizar, de entre dezenas de milhares de documentos, as cartas que versam determinados temas, obras, teorias, pessoas, instituições ou locais específicos. Presentemente, a base de dados incorpora mais de 52 000 cartas, tanto manuscritas como impressas, fornecendo indicações sobre o remetente, o destinatário, o local, a data, e a instituição depositária<sup>72</sup>.

Mais antigo, mas de relevância equiparável, é o projeto “Red CHARTA – Corpus Hispánico y Americano en la Red: Textos Antiguos”. A sua génese remonta a um encontro científico realizado em 2005 na Universidade de

<sup>70</sup> <http://republicofletters.stanford.edu/index.html>.

<sup>71</sup> <https://www.culturesofknowledge.org/>. O catálogo propriamente dito pode ser consultado em <http://emlo.bodleian.ox.ac.uk/>.

<sup>72</sup> <https://www.medizingeschichte.uni-wuerzburg.de/akademie/index.html>.

Deusto. Subsequentemente, a iniciativa foi desenvolvida na Universidade de Alcalá de Henares, a partir de 2006, sob coordenação de Pedro Sánchez-Prieto Borja, em parceria com outras instituições e norteador pelo objetivo da edição e análise linguística de textos arquivísticos redigidos em espanhol dos séculos XII a XIX, incluindo documentos da Europa, América e Ásia. A composição do *corpus* é bastante heterogênea, abarcando não apenas documentação oficial emanada da chancelaria, da administração civil, da administração da justiça e da Inquisição, bem como contratos de natureza comercial, mas também cartas privadas e, até, notas de banco e individuais<sup>73</sup>.

Outro contributo relevante para o campo das Humanidades, na medida em que oferece novas perspetivas sobre a circulação do conhecimento e das ideias na Europa durante um período crucial para o desenvolvimento intelectual e cultural, é o projeto “Sharing Knowledge in Learned and Literary Networks – The Republic of Letters as a Pan-European Knowledge Society (SKILLNET)”, executado no período compreendido entre 2017 e 2022, na Universidade de Utrecht, sob coordenação de Dirk van Miert. Alicerçado num imenso conjunto de dados digitais sobre a correspondência trocada entre intelectuais e estudiosos europeus no intervalo de 1500 a 1800, sensivelmente, tem como objetivo dar a conhecer, através de meios eletrónicos, a estrutura social das extensas redes que compunham a República das Letras, assim como explorar, digitalmente, volumes substanciais de textos, com o intuito de detetar mudanças na forma como os cidadãos se relacionavam com o ideal de partilha de conhecimento e com os métodos que utilizavam para transmitir este ideal às gerações vindouras<sup>74</sup>.

O “Clusius Correspondence: a Digital Edition-in-Progress” constitui um projeto de edição colaborativa da correspondência do botânico quinhentista Carolus Clusius (1526-1609). Resulta de uma parceria entre o Huygens Institute for the History of the Netherlands e a Clusius Community 2.0. A edição é produzida no *eLaborate*, uma ferramenta de edição colaborativa em linha concebida pelo Huygens ING, e conta com o saber de vários especialistas em História da Ciência, Botânica e Humanidades Digitais. A primeira versão (divulgada em dezembro de 2015), sob a direção de Esther van Gelder, compreende metadados relativos à totalidade das 1600 missivas identificadas, bem como digitalizações de 1170 cartas e transcrições em diferentes fases de conclusão de aproximadamente 1000 cartas<sup>75</sup>.

<sup>73</sup> <https://www.redcharta.es>.

<sup>74</sup> <https://skillnet.nl>.

<sup>75</sup> <https://clusiuscorrespondence.huygens.knaw.nl>.

Ao longo dos últimos anos, estes e outros projetos que não cabe aqui explicar têm vindo a compilar, uniformizar e disponibilizar à comunidade científica coleções epistolares vastas, muito heterogéneas, dispersas por diferentes nações e instituições, apresentadas sob modelos e formatos variados e redigidas em diferentes línguas, através de bases de dados e serviços *Web*, facilitando e otimizando a consulta e a análise desses textos. A fim de proporcionar uma visão mais abrangente e integradora de todos esses textos epistolares, que se encontram distribuídos por bases de dados locais, a Universidade de Helsínquia, em parceria com o Helsinki Centre for Digital Humanities – HELDIG), concebeu o projeto “LetterSampo – Historical Letters on the Semantic Web”. O portal *LetterSampo* assenta em princípios de *Linked Open Data* (LOD), que visam a conexão e integração de informações provenientes de diferentes fontes, permitindo a construção de uma rede de dados epistolares interligados e oferecendo uma perspetiva mais completa e contextualizada do imenso conjunto de correspondência histórica digitalizada e dos metadados associados. No intuito de otimizar a pesquisa e o acesso às missivas (e aos metadados que lhes estão associados), o *LetterSampo* emprega tecnologia da *Web* semântica, oferecendo aos utilizadores a possibilidade de explorá-las a partir de diversos campos, tais como remetente, destinatário, data, local e conteúdo. Adicionalmente, a plataforma faculta a navegação pelas mais de 150 000 cartas coligidas, através de visualizações interativas, como mapas e gráficos<sup>76</sup>.

### 3.2. Edição e estudo dos códices de *epistolae medicinales* e de *consilia* de Jorge Godines: um projeto em construção entre a Filologia e as Humanidades Digitais

Até há pouco tempo, não havia notícia, em Portugal, de qualquer obra que pudesse ser enquadrada no âmbito das *epistolae medicinales*, um novo género epistolográfico surgido na Escola Médica de Ferrara, pela mão do humanista Giovanni Manardo, no início da segunda década de Quinhentos, através do qual os médicos compilam e publicam missivas trocadas entre si, que têm um primeiro destinatário nomeado, mas que, no fundo, se dirigem a toda a comunidade científica com acesso ao texto manuscrito ou ao livro impresso<sup>77</sup>. A descoberta recente de dois códices (um de cartas médicas e outro

<sup>76</sup> <https://lettersampo.demo.seco.cs.aalto.fi/en>.

<sup>77</sup> Sobre as características destes géneros do discurso médico erudito do Renascimento, vejam-se Pomata (1996); Pomata (2005); Maclean; (2008); Maclean (2009); Siraisi (2013); Divisová (2022).

de *consilia*) de Jorge Godines<sup>78</sup>, um médico cortesão até agora completamente desconhecido, vem alterar esta realidade e obriga-nos a repensar a própria configuração, ação e dinâmica da comunidade erudita portuguesa, mormente a equacionar a existência de uma ativa rede humanística de médicos, cirurgiões, boticários e outros letrados, como se relacionavam entre si, como estavam perfeitamente a par do que se publicava no estrangeiro, como discutiam, na prática, não apenas temas diversos de Medicina e de matéria médica, como também outros assuntos, em alguns casos de forma inovadora e surpreendente, recorrendo à experiência, à observação e à informação privilegiada que era possível obter em Portugal sobre matérias do Velho e do Novo Mundo, mais facilmente acessíveis, direta ou indiretamente em Lisboa do que noutros pontos na Europa<sup>79</sup>.

A ideia de que o interesse científico pela matéria médica e pela medicina (e pelo conhecimento em geral) por parte da comunidade letrada, no Portugal de Quinhentos, não esteve ao nível do que aconteceu noutros espaços europeus, não obstante parecer ter algum fundamento – se pensarmos que as obras mais relevantes nestas áreas foram dadas à estampa fora de Portugal, mesmo quando são da autoria de portugueses, como é o caso de Amato Lusitano –, é desmentida, agora, pelos volumes de cartas médicas e *consilia* de Jorge Godines, que, pela data em que foram compostos, pelo perfil e notoriedade dos correspondentes/destinatários e pelo relevo dos temas abordados, nos fazem acreditar, ao invés, numa situação bastante distinta<sup>80</sup>.

O objetivo primeiro deste projeto em construção é proceder, precisamente, ao estudo e à edição digital destes dois códices manuscritos, cujos textos se encontram sobretudo em latim, mas também em português e castelhano. A partir da análise minuciosa de uma amostra representativa de textos, pretende-se dar a conhecer a riqueza inegável do seu conteúdo, mediante a disponibilização

<sup>78</sup> Biblioteca Nacional de Portugal, Cod. 7198; Biblioteca da Ajuda, Cod. 46-VIII-12.

<sup>79</sup> Sobre a importância da circulação dos manuscritos nos séculos XVI e XVII, veja-se Bouza (2001).

<sup>80</sup> O relevo da obra de Jorge Godines parece-nos inquestionável, como se demonstra nos diversos estudos que temos publicado: Martinho & Andrade (2022); Oliveira & Andrade (2023a); Oliveira & Andrade (2023b). Tomamos a liberdade de referir dois outros trabalhos aceites para publicação: Oliveira (2024). “*Essetne cristallus aqua congelata ex impenso frigore dicta glacies uel lapis concretus instar adamantis*: tradición clásica, humanismo y medicina a propósito de un *consilium* sobre el cristal de roca”, que será publicado no volume J. M<sup>o</sup> Maestre Maestre, S. I. Ramos Maldonado, M. A. Díaz Gito *et alii*, *Elio Antonio de Nebrija. Humanismo y Poder*, Instituto de Estudios Humanísticos, Universidade de Lisboa, Universidad Nacional Autónoma de México, decorrente do congresso internacional ocorrido em julho de 2022, em Lebrija (Sevilha); Oliveira & Andrade (2024). “O volume inédito de *epistolae medicinales* de Jorge Godines: a carta dedicatória a D. João de Melo e Castro, bispo do Algarve”, a publicar no volume A. M. L. Andrade, S. A. Gomes & M. de F. Reis, *Diálogos Luso-Sefarditas II* (Suplemento n.º 7 da revista *Ágora. Estudos Clássicos em Debate*). Aveiro, UA Editora – Universidade de Aveiro.

numa plataforma eletrônica de acesso aberto, a um só tempo, da transcrição paleográfica e de uma edição interpretativa e digital do *corpus*, acompanhada de uma versão portuguesa, no caso dos textos latinos, de comentários elucidativos do contexto histórico-cultural (de carácter biográfico, histórico e geográfico, entre outros), com recurso a marcação textual, e de uma reprodução digital dos textos originais. Com o intuito de proporcionar uma perspetiva integradora do conteúdo dos códices, prevê-se, também, a disponibilização na mesma plataforma digital de um quadro sinótico com informação detalhada sobre a totalidade dos textos contidos em ambos os códices de Jorge Godines (e.g. autor/destinatário, datação, descrição sumária do conteúdo, pessoas, factos e locais referidos, entre outros dados relevantes).

Ao invés de outros projetos de maior amplitude acima referenciados, seja por estarem centrados em textos produzidos numa determinada época, às vezes por mais do que um autor, nesta nossa proposta, o objeto de estudo está perfeitamente delimitado e identificado no conteúdo dos dois códices mencionados, sem prejuízo, naturalmente, de virem a surgir novas cartas de/ para Jorge Godines. Além disso, com exceção de duas cartas singulares da autoria de médicos portugueses reputados, os demais textos que integram os códices são da autoria do médico português, pelo que, regra geral, o *corpus* contempla apenas a correspondência enviada, e não a recebida, o que passou a ser comum apenas a partir da publicação das *epistolae medicinales* de Pietro Andrea Mattioli (1561).

Assim, a consecução deste projeto assenta na constituição de uma equipa pluridisciplinar, com provas dadas nas áreas específicas de atuação, distribuída por quatro núcleos perfeitamente articulados no estudo dos textos: o núcleo da edição paleográfica, o núcleo da edição interpretativa e tradução, o núcleo da edição digital e o núcleo de suporte científico. Uma parte significativa dos membros da equipa, sobretudo do núcleo da edição interpretativa e tradução e do núcleo de apoio científico, adquiriu em conjunto, nos últimos anos, uma experiência e competência não despidas na execução de projetos de I&D financiados pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, dedicados à edição, tradução e comentário de tratados latinos impressos de médicos humanistas como Amato Lusitano, Pietro Andrea Mattioli, Rodrigo de Castro e Garcia Lopes. Do mesmo modo, os membros dos núcleos da edição paleográfica e digital têm experiência de trabalho colaborativo, em cada uma dessas áreas, atestada pela publicação de estudos conjuntos e pela participação em projetos de I&D no âmbito das humanidades digitais (e.g. DICiweb e iForal). A solidez e a competência da equipa do projeto, reforçada pela experiência

comum adquirida em trabalhos anteriores ou em curso, permite antever um desempenho seguro na execução e na concatenação das diversas tarefas previstas. Um outro objetivo do projeto passa, também, pela integração de jovens investigadores em formação nas atividades a desenvolver nos núcleos das edições paleográfica, interpretativa e digital. Desse modo, articular-se-á harmoniosamente investigação e ensino e, ao mesmo tempo, promover-se-á a investigação de mestrandos e doutorandos nas áreas da paleografia (Universidade de São Paulo – FFLCH), dos estudos editoriais (Universidade de Aveiro – DLC) e da engenharia eletrónica (Universidade de Aveiro – DETI).

As *epistolae medicinales* e os *consilia* de Jorge Godines, de que não temos notícia de alguma vez terem sido impressos, vêm trazer novíssima luz sobre o Humanismo português, revelando a existência de uma comunidade letrada muito relevante e ativa, composta por médicos, cirurgiões, boticários, entre muitos outros amantes das *humaniores litterae*, interessada em conhecer e debater diversos temas relacionados com a Medicina, em geral, e com a matéria médica, em particular. A relevância destes textos, porém, vai para além disso, porquanto constituem verdadeiros testemunhos do pulsar da sociedade portuguesa, espelhando múltiplos aspetos do Portugal do século XVI, tanto sobre a atualidade e a qualidade do debate científico, como sobre os próprios pacientes e destinatários das cartas e dos *consilia*. Em última instância, a aplicação de tecnologias de *Linked Open Data* (LOD) na edição digital deste *corpus* permitirá a interligação e a incorporação em bases de dados externas de maior abrangência dos dados extraídos das cartas (como nomes de pessoas, lugares, eventos históricos, temas debatidos), o que contribuirá para a construção de uma rede de conhecimento que vai além do conteúdo das próprias cartas, potenciando, desse modo, o seu valor documental.

Em suma, a disponibilização da edição, tradução e comentário destes textos inéditos, aproveitando os inúmeros recursos e ferramentas colocados à nossa disposição pelas Humanidades Digitais, constituirá, assim o esperamos, um marco assinalável para o conhecimento do Portugal de Quinhentos, constituindo-se como fontes imprescindíveis em áreas tão distintas como os Estudos Linguísticos e Literários, a Paleografia, a História da Medicina e da Farmácia, a História da Ciência ou os Estudos Sefarditas.

## Bibliografia

- Alvarado, R. C. (2012). The digital humanities situation. In M. K. Gold (Ed.), *Debates in the digital humanities* (pp. 50-55). Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Alvarado, R. (2013, 19 de fevereiro). Start Calling it Digital Liberal Arts [Post em blogue]. Retirado de <https://transducer.ontoligent.com/?p=1013>
- Alves, D. (2016a). As Humanidades Digitais como uma comunidade de práticas dentro do formalismo acadêmico: dos exemplos internacionais ao caso português. *Ler história*, 69, 91-103. doi:10.4000/lerhistoria.2496
- Alves, D. (2016b). Humanidades Digitais e Investigação Histórica em Portugal: perspectiva e discurso (1979-2015). *Práticas da História*, 1(2), 89-116. Retirado de: <http://hdl.handle.net/10362/20952>
- Banza, A. P. (2017). Da antiga à nova Filologia: práticas de edição de textos modernos. In R. Trachsler, F. Duval & L. Leonardi (Eds.), *Actes du XXVIIe Congrès international de linguistique et de philologie romanes (Nancy, 15-20 juillet 2013). Section 13: Philologie textuelle et éditoriale* (pp. 13-23). Nancy: ATILF. Retirado de: <https://web-data.atilf.fr/ressources/cilpr2013/actes/section-13/CILPR-2013-13-Banza.pdf>
- Banza, A. P. (2023). O texto desmaterializado: explorando os limites da Filologia Digital, *LaborHistórico* 9(1), e51304. doi: 10.24206/lh.v9i1
- Berry, D. M. (2011). *The Philosophy of Software: Code and Mediation in the Digital Age*. New York: Palgrave-Macmillan.
- Berry, D. M. (Ed.) (2012). *Understanding Digital Humanities*. London: Palgrave-Macmillan.
- Berry, D. M. (2014). *Critical Theory and the Digital*. London: Bloomsbury.
- Berry, D. M., & Fagerjord, A. (2017). *Digital humanities: knowledge and critique in a digital age*. Cambridge: Polity.
- Boto, S. (2023). O projeto Garretonline como protótipo editorial para o património poético português. In M. C. Carrington, A. M. L. Andrade & E. M. R. de Oliveira (Eds.), *Do manuscrito ao livro impresso e eletrónico III* (pp. 373-397). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Bouza, F. (2001). *Corre manuscrito. Una historia cultural del Siglo de Oro*. Madrid: Marcial Pons.
- Burdick, A., Drucker, J. & Lunenfeld, P. (2012). *Digital Humanities*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press.
- Burghardt, M. (2020, 15 de maio). Theorie und digital humanities – eine bestandsaufnahme [Post em blogue]. Retirado de: <https://dhtheorien.hypotheses.org/680>
- Carrington, M. C., Andrade, A. M. L., & Oliveira, E. M. R. (Eds.). *Do manuscrito ao livro impresso e eletrónico III*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Cerquiglioni, B. (1989). *Éloge de la variante. Histoire critique de la philologie*. Paris: Seuil.
- Cerquiglioni, B. (2000, junho). *Une nouvelle philology?* Comunicação em conferência apresentada no colóquio internacional Philology in the Internet Era, Budapeste, Hungria. Retirado de: <https://magyar-irodalom.elte.hu/colloquia/000601/cerq.htm>
- Cohen, M. (2017). The New, New, New Philology. *Electronic Book Review*, 02-05-2017. Retirado de: <https://electronicbookreview.com/essay/the-new-new-new-philology/>
- Cordell, R. (2014, 8 de maio). On Ignoring Encoding [Post em blogue]. Retirado de: <http://ryancordell.org/research/dh/on-ignoring-encoding>.

- Cordell, R. (2016). How not to teach digital humanities. In M. K. Gold & L. F. Klein (Eds.), *Debates in the digital humanities 2016* (pp. 459-474). Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Crane, G., Bamman, D. & Jones, A. (2013). ePhilology: When the Books Talk to Their Readers. In R. Siemans & S. Schreibman (Eds.), *A Companion to Digital Literary Studies* (pp. 29-64). Oxford: Blackwell.
- Divisová, B. (2022). *Medical Case Studies (Consilia medica) of the Early Modern Period*. Amsterdam: Amsterdam University Press.
- Driscoll, M. J. (2010). The Worlds on the Page: Thought on Philology, Old and New. In J. Quinn & E. Lethbridge (Eds.), *Creating the Medieval Saga: Versions, Variability and Editorial Interpretations of Old Norse Saga Literature* (pp. 87-104). Odense: University Press of Southern Denmark.
- Gardiner, E. & Musto, R. G. (2015). *The digital humanities: a primer for students and scholars*. New York: Cambridge University Press.
- Gold, M. K. (Ed.) (2012). *Debates in the digital humanities*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Gold, M. K. & Klein, L. F. (Eds.) (2016). *Debates in the digital humanities 2016*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Gonçalves, M. F. & Banza, A. P. (Coord.) (2013), *Património Textual e Humanidades Digitais: Da Antiga à Nova Filologia*. Évora: CIDEHUS/ FCT.
- Hall, G. (2012). There are no digital humanities. In M. K. Gold (Ed.), *Debates in the digital humanities* (pp. 133-136). Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Hockey, S. (2004). The history of humanities computing. In S. Schreibman, R. Siemans & J. Unsworth (Eds.), *A Companion to Digital Humanities* (pp. 1-19). Oxford: Blackwel.
- Holanda, M. A. P. S. & Ximenes, E. E. (2022). O labor filológico e as Humanidades Digitais, *Revista do GELNE*, 24(1), 124-135.
- Jockers, M. & Woryhey, G. (2011). Introduction: Welcome to the Big Tent. In *Digital Humanities 2011. Conference Abstracts* (pp. VI-VII). Stanford: Stanford University. Retirado de: [https://dh2011.stanford.edu/wp-content/uploads/2011/05/DH2011\\_BookOfAbs.pdf](https://dh2011.stanford.edu/wp-content/uploads/2011/05/DH2011_BookOfAbs.pdf)
- Kirschenbaum, M. G. (2010). What is digital humanities and what's it doing in English departments? *ADE Bulletin*, 150, 55-61.
- Luhmann, J. & Burghardt, M. (2021). Digital humanities – A discipline in its own right? An analysis of the role and position of digital humanities in the academic landscape, *Journal of the Association for Information Science and Technology*, 73, 148-171. doi:10.1002/asi.24533
- Maclean I. (2008). The Medical Republic of Letters before the Thirty Years War, *Intellectual History Review*, 18, 15-30.
- Maclean, I. (2009). *Learning and the Market Place: Essays on the History of the Early Modern Book*. Leiden: Brill.
- Martinho, B. A. & Andrade, A. M. L. (2022). In Search of the Unicorn's Virtue in a Rhino Horn Cup: Consumption of Rhino Horns and the Production of Knowledge in Early Modern Lisbon, *Early Science and Medicine*, 27(6), 572-600.
- Mattioli, P. A. (1561). *Epistolarum medicinalium libri V*. Praga [Veneza]: in Officina Typographica Georgii Melantrichi ab Aventino.
- McCarthy, W. (2005). *Humanities Computing*. New York: Palgrave-Macmillan

- Marcos Marín, F. A. (2001). Filología Electrónica: sobre métodos. Catalogación y análisis como prerrequisitos de la edición crítica. In L. Funes & J. L. Moure (Eds.), *Studia Honorem Germán Orduna* (pp. 429-438). Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá.
- Marcotúlio, L. L., Lopes, C. R. dos S., Bastos, M. J. da M. & Oliveira, T. L. de (2018). *Filologia, história e língua: olhares sobre o português medieval*. São Paulo: Parábola.
- McCarty, W. (2015). Becoming interdisciplinary. In S. Schreibman, R. Siemens, & J. Unsworth (Eds.), *A new companion to digital humanities* (pp. 69-83). Oxford: Wiley Blackwell.
- Monte, V. & Paixão de Sousa, M. C. (2017). Por uma filologia virtual: O caso das atas da câmara de São Paulo (1562-1596), *Revista da ABRALIN*, 16(1), 239-264. Retirado de: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1317>
- Nichols, S. G. (1990). Introduction: Philology in a Manuscript Culture, *Speculum*, 65(1), 1-10.
- Moretti, F. (2016). The digital in the humanities: an interview with Franco Moretti, interview by Dinsman, M. *Los Angeles Review of Books*, 02-03-2006. Retirado de: <https://lareviewofbooks.org/interview/the-digital-in-the-humanities-an-interview-with-franco-moretti>
- Oliveira, E. M. R. de & Andrade, A. M. L. (2023a). Uma revisão crítica quinhentista do livro de cartas médicas de Garcia Lopes. *Humanitas*, 82, 119-143.
- Oliveira, E. M. R. de & Andrade, A. M. L. (2023b). Ainda a propósito da revisão crítica quinhentista do livro de cartas médicas de Garcia Lopes. In M. C. Carrington, A. M. L. Andrade, & E. M. R. Oliveira (Eds.), *Do manuscrito ao livro impresso e eletrônico III* (pp. 127-164). Aveiro, Coimbra: UA Editora – Universidade de Aveiro, Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Pannapacker, W. (2011a). “Big Tent Digital Humanities”, a View from the Edge, Part 1. *The Chronicle of Higher Education*, 31-07-2011. Retirado de: <http://chronicle.com/article/Big-Tent-Digital-Humanities/128434>
- Pannapacker, W. (2011b). “Big Tent Digital Humanities,” a View from the Edge, Part 2. *The Chronicle of Higher Education*, 18-09-2011. Retirado de: <http://chronicle.com/article/Big-Tent-Digital-Humanities/129036>
- Pannapacker, W. A. (2013). Stop Calling It ‘Digital Humanities’. And 9 Other Strategies to Help Liberal-Arts Colleges Join the Movement. *The Chronicle of Higher Education*, 18-02-2013. Retirado de: <http://chronicle.com/article/Stop-Calling-It-Digital/137325>
- Pomata, G. (1996). «Observatio» ovvero «historia» Note su empirismo e storia in età moderna. *Quaderni Storici*, 31, 173-198.
- Pomata, G. (2005). *Praxis Historialis: The Uses of Historia in Early Modern Medicine*, in G. Pomata & N. G. Sirais (Eds.), *Historia: Empiricism and Erudition in Early Modern Europe* (pp. 105-146). Cambridge: MIT Press.
- Portela, M. (2020). O que é a digitalização das humanidades? In F. Ribeiro, C. M. Gonçalves, C. Natário, J. Guimarães & R. C. Homem (Eds.), *As Letras entre a Tradição e a Inovação* (pp. 91-121). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Presner, T. (2010). Digital Humanities 2.0: A Report on Knowledge. <https://citeseerx.ist.psu.edu/document?repid=rep1&type=pdf&doi=d96803c5657b3f849d3e2600a4a3efbd686d0780>
- Queiroz, M. C. N. de (2019). New Philology: Transformações Teóricas e Bases Materiais. In *Anais do XXIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia*. Textos Completos, Tomo II (pp. 635-640). Rio de Janeiro: CIEFIL.

- Robertson, S. (2016). The differences between digital history and digital humanities. In M. K. Gold & L. F. Klein (Eds.), *Debates in the digital humanities 2016* (pp. 289-307). Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Roth, C. (2019). Digital, digitized, and numerical humanities. *Digital Scholarship in the Humanities*, 34(3), 616-632.
- Schreibman, S., Siemens, R. & Unsworth, J. (Eds.) (2004). *A Companion to Digital Humanities*. Oxford: Blackwell.
- Schreibman, S., Siemens, R. & Unsworth, J. (Eds.) (2015). *A new companion to digital humanities*. Oxford: Wiley Blackwell.
- Siraisi, N. G. (2013). *Communities of Learned Experience. Epistolary Medicine in the Renaissance*. Baltimore: Johns Hopkins.
- Svensson, P. (2009). Humanities Computing as Digital Humanities. *Digital Humanities Quarterly*, 3(3). Retirado de: <https://www.digitalhumanities.org/dhq/vol/3/3/000065/000065.html>
- Svensson, P. (2010). The landscape of digital humanities. *Digital Humanities Quarterly*, 4(1). Retirado de: <http://digitalhumanities.org/dhq/vol/4/1/000080/000080.html>
- Svensson, P. (2012). Beyond the Big Tent. In M. K. Gold (Ed.), *Debates in the digital humanities* (pp. 36-49). Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Svensson, P. & Goldberg, D. T. (2015). *Between Humanities and the Digital*. Cambridge, MA: MIT Press. doi:10.7551/mitpress/9465.001.0001
- Terras, M. (2013). Peering inside the big tent. In M. Terras, J. Nyhan & E. Vanhoutte (Eds.), *Defining digital humanities: A reader* (pp. 263-270). Farnham: Ashgate.
- Unsworth, J. (2001, maio) *A Master's Degree in Digital Humanities: Part of the Media Studies Program*, Comunicação em conferência apresentada no Congresso of the Social Sciences and Humanities, Université Laval, Quebec, Canadá. Retirado de: <https://johnunsworth.name/laval.html>
- Vieira, C. & Paulino, J. V. (2023). Western Sephardic Diaspora Roadmap: porquê e para quê um roteiro para o estudo da diáspora sefardita. In M. C. Carrington, A. M. L. Andrade & E. M. R. de Oliveira (Eds.), *Do manuscrito ao livro impresso e eletrônico III* (pp. 89-126). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Warwick, C., Terras, M. & Nyhan, J. (2012). *Digital Humanities in Practice*. London: Facet Publishing, UCL Digital Humanities Centre. doi.org/10.29085/9781856049054